

Cartas Políticas a Um Operário

Raul PILLA

1)

13-6-945

Os fatos e as datas que te apresentei, Antônio, mostram que ao sr. Getúlio Vargas nada particularmente se deve quanto a reformas sociais. Não foram iniciativa dele, nem se formalizaram todas durante as fases do seu poder discricionário. Algumas transitaram pelo parlamento, durante os poucos anos que tivemos a felicidade de possuí-lo, e estabelecidos pelo Assembléia Constituinte foram os princípios cardiais da legislação social em nosso País.

Vês, pois, claramente, Antônio, que, com Getúlio ou sem Getúlio, teriam de vir as leis protetoras do trabalho, não só porque decorriam de solenes compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, mas também porque já as estava reclamando a amadurecida consciência popular. Qualquer governo democrático e responsável, isto é, sensível ao influxo da opinião popular, nos teria levado pelo mesmo caminho, e sem os inconvenientes, que depois te apontarei, da supressão das liberdades públicas.

Sei eu, porém, o que te impressiona, Antônio. É a propaganda sistemática da benemerência do Ditador, ao qual tudo deve o trabalhador, segundo se quer fazer acreditar. Não me espanta que te hajás deixado iludir, não ouvindo senão encômios durante sete anos, porque a ninguém era lícito discordar ou criticar. Ainda agora, nesta relativa liberdade que estamos desfrutando, não se animou a imprensa a desnudar as mais graves mazelas do regime discricionário. Mal informado, como tens estado, é natural estejas julgando mal.

Em verdade, Antônio, o que o Ditador tem feito com os trabalhadores é exploração, politicagem, demagogia. Longe, muito longe está ele de ser um reformador social, penetrado dos grandes sentimentos de humanidade e justiça. Se alguma coisa vos deu, aliás mais no papel do que na realidade, foi para vos tirar, a vós e a tóda a Nação, mais, muitíssimo mais.

Por que, dentre os fundamentais compromissos da Aliança Liberal, somente se preocupou ele com a questão social, relegando e até repudiando abertamente os demais? Simplesmente porque, para assentar o seu poder pessoal, precisava ele da conformidade, senão do beneplácito das massas. Necessário se tornava lisonjeá-las, mimá-las e, sobretudo, enganá-las, como torpemente enganados têm sido.

E assim é, Antônio, que vós, trabalhadores, sois os que mais fortemente sentís os desastrosos efeitos da Ditadura, os que mais intensamente sofreis com o descalabro que vai pelo País e vós sois, justamente, os que vos considerais prêsos ao Ditador por sentimentos de gratidão.

Mas esses sentimentos, Antônio, são errôneos, são falsos, não têm base real, são adrede provocados e cuidadosamente alimentados para justificar e garantir a continuidade do poder pessoal do Ditador. Queres disto uma prova, Antônio? Uma prova ostensiva, ao alcance de qualquer pessoa? Nem o sr. Getúlio Vargas, nem os seus mais graduados auxiliares, nem os seus agentes de propaganda perdem ocasião de exaltar a benemerência do Ditador e reclamar para ela a gratidão dos proletários. Por que esta ânsia, esta sofreguidão, êste insistente reclamo do reconhecimento proletário, se êste reconhecimento não fôsse o verdadeiro objetivo da ação política da Ditadura? Um reformador sincero e honesto faria as reformas e esperaria serenamente o julgamento dos seus concidadãos. O sr. Getúlio Vargas, não. Ele não pode esperar, tem de descontar logo os supostos benefícios, porque não êles, mas o reconhecimento deles é o que visa.

E isso, Antônio, que o Ditador tem feito com os trabalhadores, chama-se demagogia: ele tem procurado insuflar as paixões populares, para as substituir ao regular julgamento da Nação. Aí está, para o comprovar, o "Queremos Getúlio", sábia-mente organizado em todo o País.

Assim, Antônio, pior do que políctuelro, demagogo é o homem que tanto tem maisnado os políticos, tendo sido sempre um deles,